

Estudo Comparativo entre Perfil Clínico e Perfil Psicométrico das Interações Interpessoais nas Relações Conjugais¹

Glaydmilla de Moura Dias²

Gleiber Santos Couto³

Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão, CEP: 75704-020, Brasil

E-mail: Orientanda: gleidmd@hotmail.com

E-mail: Orientador: gleibercouto@labape.com.br

PALAVRAS-CHAVE: CLOIT-R; Validade de Critério; Grupo critério.

INTRODUÇÃO

Os testes psicológicos são relativamente recentes, datam do início do século XX, e são considerados uma importante ferramenta no processo de avaliação de comportamentos relevantes para o funcionamento cognitivo e/ou afetivo. São basicamente amostras de comportamentos, que para serem úteis devem ser objetivos bem como passíveis de demonstração, auxiliando o profissional na compreensão e fechamento das considerações a respeito de um examinando em avaliação psicológica ou psicodiagnóstico (Silva, 2008).

Segundo Pasquali (2007), os testes dizem respeito a análise de um conjunto de comportamentos, passíveis de observação e descrição por meio de escalas numéricas, mas apenas são considerados testes os procedimentos que possuem base teórica que confirmem as hipóteses comportamentais levantadas, ou seja, o teste deve apresentar uma medição objetiva e padronizada de uma amostra de comportamento.

Segundo Noronha (2003) as Resoluções 25/2001 e 02/2003 promulgadas pelo Conselho Federal de Psicologia propõem que os instrumentos passem por um processo de avaliação, de forma que sejam mantidos ou inseridos no mercado profissional apenas os que possuam as condições técnicas exigidas. Visando prover os testes de avaliação encontram-se muitos estudos relativos à verificação de parâmetros psicométricos em diferentes instrumentos, ou seja, à verificação de suas validades e fidedignidades.

¹ Artigo revisado pelo orientador.

² Orientanda - aluna do curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão.

³ Orientador - Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão.

Um dos parâmetros citados para fazer a verificação de um teste é a fidedignidade. Para Urbina (2007) a fidedignidade avalia a qualidade do teste. Diz respeito a características que ele deve apresentar para ter consistência ao medir um comportamento. Para se obter certo grau de fidedignidade nos escores os testes devem apresentar os mesmos resultados quando reaplicados com os mesmos indivíduos, em ocasiões diferentes com testes paralelos ou sob condições variáveis de exame.

Outro parâmetro para se avaliar um instrumento é a validade, definida como o grau que um instrumento realmente mede a variável que pretende medir, ou seja, se o instrumento mede aquilo a que se propôs medir (Martins, 2006). Porém este conceito geral e tradicional de validade não está associado à relação dos escores e das interpretações que se podem basear neles, mas sim aos testes e ao que eles pretendem medir (Urbina, 2008).

Vários teóricos (Urbina, 2008; Pasquali, 2007; Martins, 2006; Noronha, 2003) apresentam três categorias, ou tipos de validade que não precisam ser correlacionados, apesar de ser ideal que os três critérios fossem encontrados nos instrumentos: validade de conteúdo, quando o instrumento abrange um domínio específico de conteúdo do que se pretende medir, sendo que este conteúdo deve ser sistematicamente analisado para evidenciar se todos os aspectos foram abordados de forma equivalente; validade de construto, diz respeito a como teoria e a operacionalização do instrumento se correlacionam, sendo necessário um referencial teórico que dê suporte ao instrumento; e validade de critério, que é a comparação do instrumento com algum critério externo, buscando assim padrões de correlação entre características externas ao instrumento e seus resultados.

Martins (2006) diz: “quanto mais os resultados dos instrumentos de medidas se relacionam com o padrão (critério) maior a validade de critério. Se o critério se fixa no presente, temos a validade concorrente – os resultados do instrumento se correlacionam com o critério no mesmo momento ou ponto no tempo. Se o critério se fixa no futuro temos a validade preditiva. Um teste tem validade preditiva quando efetivamente indica como o objeto em estudo desenvolverá no futuro outra tarefa ou incumbência”.

Com o intuito de verificar a presença ou a ausência de validade e precisão nos testes Noronha (2001) analisou 17 testes de inteligência identificando também se os testes estrangeiros possuem padronização brasileira. Além da validade e precisão, a origem da produção, a data da publicação original, existência, ou não, de padronização brasileira e respectiva data e os respectivos estudos desenvolvidos, foram outros elementos avaliados em cada instrumento. Como resultado o autor aponta que mesmo considerando a precariedade de instrumentos de avaliação presentes no Brasil, considerando os parâmetros psicométricos dos

instrumentos os resultados foram positivos, onde grande parte dos testes apresentou estudos de validação e de precisão. A pesquisa indicou a presença de estudos de precisão em 94,1% deles e validade em 88,2%. Mas salienta que são necessárias urgentes modificações na área de avaliação Psicológica, desde os manuais dos instrumentos até a melhoria da formação do profissional em Psicologia, com treinamento para aplicação dos testes. No caso específico das verificações de validade e precisão a autora salienta que estes parâmetros são considerados as condições mínimas para um uso seguro dos testes psicológicos.

Outro autor que observou os parâmetros psicrométricos dos testes foi Rodrigues (2009). Com o objetivo de validar uma versão portuguesa do inventário de ansiedade estado-traço de Spielberger, instrumento de medida destinado a avaliar a ansiedade, a autora toma uma amostra de 500 alunos de 11 a 21 anos com 7 a 12 anos de escolaridade. O instrumento foi aplicado em dois momentos, juntamente com os testes STAY-Y e o SAS de ZUNG. Pretendeu-se avaliar a ansiedade estado e a ansiedade traço nos respectivos alunos face aos testes de avaliação curricular. As diferenças encontradas nos resultados obtidos nos dois momentos são indicadores do alto grau de uma validade discriminante. Apresentou alta validade concorrente entre o STAY-Y e o SAS de ZUNG. A consistência interna avaliada através do Alfa de Cronbach revela uma grande homogeneidade dos itens. Da análise dos resultados o autor conclui que o instrumento de medida é válido e fidedigno.

Para o presente trabalho fez-se uso do CLOIT-R. Ele é um instrumento que foi construído utilizando-se o modelo circumplexo de personalidade proposta por Donald Kiesler (1973) uma representação do universo das atitudes interpessoais que caracterizam a personalidade. Nele utilizou-se uma taxonomia compreensiva do domínio bi-dimensional de personalidade, integrando e expandindo a teoria interpessoal de Sullivan (1953). O modelo contém 16 categorias que são rotuladas pelas letras de A a P e distribuídas ao redor da circunferência em um sentido anti-horário. As 16 categorias interpessoais são Dominância (A), Competição (B), Desconfiança (C), Frieza Afetiva (D), Hostilidade (E), Isolamento (F), Inibição (G), Insegurança (H), Submissão (I), Deferência (J), Confiança (K), Calor Afetivo (L), Amigabilidade (M), Sociabilidade (N), Exibicionismo (O), Segurança (P). (Couto, Van Hattum, Vandenberghe e Benfica, 2005).

Diante da escassez de instrumentos que medem padrões de comportamento em relações interpessoais com as características propostas pelo Checklist of Interpersonal Transactions - CLOIT-R, Couto, Van Hattum, Vandenberghe e Benfica (2005) propuseram uma versão brasileira. Após tradução e adaptações das proposições à cultura brasileira, foram efetuados estudos de precisão e validade com 622 estudantes com idade entre 16 e 65 anos.

Feita a rotação o instrumento foi mais bem acomodado satisfazendo os critérios de fidedignidade e validade.

Este estudo teve como objetivo produzir uma ampliação das informações sobre a validade de critério do instrumento CLOIT-R e demonstrar sua adequação para utilização na população brasileira. Para isto cada um dos indivíduos teve seu perfil de interações interpessoais nas relações conjugais designado pelo CLOIT-R comparado com o perfil designado por entrevista em grupo utilizando estratégia de grupo critério.

MÉTODO

Participantes

Para a respectiva validação recorreu-se a 16 sujeitos com idades entre 17 e 50 anos, com Média de 31 anos e Desvio Padrão de 10. Dessa amostra 10 sujeitos são casados, 2 noivos e 4 namorados. O tempo de relacionamento variou de 1 ano a 25 anos, com média de 9 anos e Desvio Padrão de 10. O nível escolar apresentado foi do Fundamental I (1 a 4) completo/Fundamental II (5 a 8) a Superior completo, sendo que a maior parte dos sujeitos possui Superior Completo. Os participantes são de diversas cidades do estado de Goiás.

Materiais

Checklist de relações interpessoais - Revisado (CLOIT-R). Contendo testes com 96 proposições que descrevem ações que podem ocorrer nas interações entre pessoas, havendo mudança apenas nos pronomes de acordo com qual indivíduo se aplica. Na forma de autoclassificação todas as proposições são iniciadas com a partícula *quando estou com minha (meu) esposa(o)...* que fica centralizada no início de cada página, os sujeitos são solicitados a ler as proposições e marcar aquelas que descrevem os tipos de interações mais característicos de sua conduta. Já na forma de transator todas as proposições iniciam com a partícula *Quando minha(meu) esposa(o) esta comigo....* .

Entrevistas semi-estruturadas. Há aqui uma participação ativa dos indivíduos, onde eles podem ser examinados e pontuados por um entrevistador cego. Nas entrevistas foram analisadas as 16 categorias do círculo interpessoal de Kiesler. Onde cada escala pode receber um escore bruto que varia entre 0 e 9 pontos.

Procedimento

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Goiás. A aplicação dos testes foi realizada em duas etapas, na primeira os sujeitos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), após o qual responderam ao Checklist de relações interpessoais - Revisado (CLOIT-R). O teste foi aplicado, individualmente e em grupo. A segunda etapa foi realizada convidando as pessoas, de forma aleatória, que fizeram parte da amostra coletada, a participar de uma entrevista semi-estruturada realizada por um examinador cego que ao final da entrevista atribuiu valores aos sujeitos nas 16 escalas do CLOIT-R. Os resultados obtidos pelo grupo foram tratados como grupo critério. Foram então avaliadas as estatísticas descritivas dos escores dos sujeitos nos testes e na entrevistas, e em seguida ocorreu uma comparação usando a correlação de Pearson.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pôde-se observar que algumas categorias pontuadas nas 16 escalas que compõe o círculo de relações interpessoais de Kiesler (1981) coincidiram na estimação utilizando o CLOIT-R com a pontuação atribuída na entrevista. O objetivo da comparação é designar proporcionalmente os pontos de convergência e divergência entre as medidas produzidas por procedimentos idiográficos e nomotéticos.

As correlações significativas entre a autodescrição e as características atribuídas pelo entrevistador foram nas escalas de inibição e submissão. De acordo com as escalas os sujeitos que se classificam como inibido ($r=0,61$; $p=0,01$) indica que são sujeitos que trabalham de forma séria, precisa e correta sobre as exposições das pessoas com quem estão interagindo; comportam-se racional e reservadamente com elas. Quando se classificam com submissão ($r=0,62$; $p=0,01$), indicam que são sujeitos que se empenham para evitar tomar responsabilidades com quem estão interagindo sendo rápidos para suportar ou cumprir os direcionamentos dados.

Outras duas escalas apresentaram correlações marginalmente significativas entre a autodescrição e as características atribuídas pelo entrevistador, desconfiança e calor efetivo. Os sujeitos que dissimulam com as pessoas com quem estão interagindo ou escapam de perguntas sobre suas próprias intenções ou motivos; procuram detectar ou descobrir intenções prejudiciais dessas pessoas são os classificados com desconfiança ($r=0,48$; $p=0,06$). Calor afetivo ($r=0,45$; $p=0,07$), é para os sujeitos que são rápidos em expressar cordialidade, aprovação ou aceitação para com as pessoas com quem estão interagindo, sendo gentis e compreensivos com os sentimentos delas. Esses resultados marginalmente significativos

apontam que quando os sujeitos se descrevem usando essas características eles tendem a demonstrá-las em situações de entrevista. Assim, quando os sujeitos percebem seus padrões de interação interpessoal como inibido e submisso tendem a demonstrar tais características a ponto do entrevistador ser capaz de notar tais características nesses sujeitos.

Com relação às demais características não foram observadas correlações significativas ou marginais que indicassem concordância com os padrões inferidos pelos sujeitos e apontados pelo entrevistador. Foram observadas certas generalizações entre a autodescrição e atribuição de características. Por exemplo, pôde-se notar quando os indivíduos se descrevem como sendo desconfiados, na verdade causaram ao entrevistador a impressão de hostilidade ($r=0,55$; $p=0,03$), por serem sujeitos que por várias vezes quebram as regras com as pessoas que interagem, e recusam-se a cumprir ou cooperar com os apelos ou pedidos das pessoas, sendo classificados assim com. Esses mesmos indivíduos, também foram classificados com inibição ($r=0,48$; $p=0,06$), pois são sujeitos que trabalham de forma séria, precisa e correta sobre as exposições das pessoas com quem estão interagindo; comportam-se racional e reservadamente com elas. Ainda analisando os sujeitos que se descrevem como desconfiados causaram ao entrevistador possuírem isolamento ($r=0,46$; $p=0,07$), pois protegem suas privacidades com as pessoas com quem estão interagindo; mantêm-se distantes, descomprometidos ou insensíveis; ignoram ou não se interessam pelas ocupações pessoais dos outros para seguir suas atividades solitárias. Para os mesmo sujeitos que se descreveram com altos escores em desconfiança, foram classificados em três outras categorias com escores negativos: sociabilidade, exibicionismo e confiança. Na sociabilidade ($r=-0,51$; $p=0,04$), os sujeitos não são atentos e susceptível as pessoas com quem estão interagindo, não perguntam e nem se interessam sobre ocupações pessoais destas pessoas, não expressando satisfação e alegria. No exibicionismo ($r=-0,51$; $p=0,04$), estes sujeitos não são despreocupados e espontaneamente expressivos com as pessoas com quem estão interagindo, não falam ou fazem premeditações, também não falam facilmente com essas pessoas. Em relação à confiança ($r=-0,45$; $p=0,08$), os sujeitos não são cândidos e honestos sobre suas intenções ou motivos, não confia nas reclamações das pessoas com quem estão interagindo sobre suas próprias intenções e motivos.

Outras generalizações foram observadas entre a autodescrição e atribuição de características. Por exemplo, pôde-se notar que quando os indivíduos que se descrevem com Frieza Afetiva causaram no entrevistador a impressão de competitivo ($r=0,45$; $p=0,08$), pois o sujeito põe seus interesses à frente, disputa ou desafia a exposição delas; e classificados com escores negativos para calor afetivo ($r=-0,43$; $p=0,09$), o que confirma as correlações, pois

são sujeitos que não são rápidos em expressar cordialidade, aprovação ou aceitação para com as pessoas com quem estão interagindo, não sendo também gentis e compreensivos com os sentimentos delas.

Quando os indivíduos se descreveram com Hostilidade na verdade causaram no entrevistador a impressão de competitivo ($r=0,61$; $p=0,01$) e como escore negativo para sociabilidade ($r=-0,46$; $p=0,07$). Quando os indivíduos se descrevem com Isolamento o entrevistador os classifica com frieza afetiva ($r=0,55$; $p=0,02$), pois para ele os sujeitos encontram dificuldade em expressar cordialidade, aceitação ou aprovação às pessoas com quem estão interagindo; esperam obediência aos princípios, regras ou regulamentos; estes indivíduos que dizem como isolados se mostram também ao entrevistador como hostis ($r=0,79$; $p=0,0$). Estes mesmos indivíduos, que se classificam como isolados, tiveram escores negativos nas categorias de amigabilidade ($r=-0,64$; $p=0,01$) e sociabilidade ($r=-0,50$; $p=0,05$). Amigabilidade, pois os sujeitos não são rápidos em cooperar ou assistir as pessoas com quem estão interagindo, não fazem sua parte, não são cortês, atencioso ou diplomático; não é paciente e complacente, nem respeita os direitos dessas pessoas e nem evita qualquer ofensa, não encorajando, ajudando e nem confortando.

Além destas, outras generalizações foram observadas entre a autodescrição e atribuição de características. Por exemplo, observou-se que quando os indivíduos se descreveram como inseguros, não causaram esta impressão ao entrevistador, mas de possuírem deferência ($r=0,59$; $p=0,01$), pois o sujeito tenta "aceitar" as pessoas com quem está interagindo com normalidade ou satisfação, faz apenas aquilo que foi pedido, é hesitante em tomar iniciativas para com essas pessoas.

Quando o indivíduo se descreve como submisso o entrevistador o classifica como um sujeito cordial e educado, com deferência ($r=0,62$; $p=0,01$). Também foram classificados como indivíduos que não assumem responsabilidade com as pessoas com quem estão interagindo, não aceitam ordens e situações de rotina, não aceitam exemplos, instruções ou avisos das mesmas, sendo classificados com um escore negativo para dominância ($r=-0,64$; $p=0,01$).

Foram também observadas outras generalizações entre a autodescrição e atribuição de características. Por exemplo, observou-se que quando os indivíduos se descreveram como amigáveis, causaram uma impressão de serem sujeitos que tentam firmemente tranquilizar-se e confiar nas pessoas com quem estão interagindo, fazem comentários de forma assegurada, evitam mostrar-se culpado, assim classificados aos olhos do entrevistador com segurança ($r=0,46$; $p=0,07$).

Quando os indivíduos se descreveram como sociáveis, foram classificados pelo entrevistador como deferente ($r=0,44$; $p=0,08$) e possuírem insegurança ($r=0,53$; $p=0,03$), pois os sujeitos tentam ser modestos ou evitar serem pretensiosos como as pessoas com quem estão interagindo; admitem prontamente suas próprias deficiências ou faltas, aceitam culpa ou apologias delas, classificado também como. Estes sujeitos que se descreveram como sociáveis também apresentaram escores negativo na escala competitivo ($r=-0,51$; $p=0,04$).

Os sujeitos que se descreveram como seguros pareceram ao entrevistador como competitivo ($r=0,50$; $p=0,05$). E com escores negativos para sociabilidade ($r=-0,45$; $p=0,08$) e submissão ($r=-0,60$; $p=0,02$). Submissão, pois os sujeitos não se empenham para evitar tomar responsabilidades com quem estão interagindo e não são rápidos para suportar ou cumprir os direcionamentos dados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivou comparar e designar proporcionalmente os pontos de convergência e divergência entre as medidas produzidas por procedimentos idiográficos e nomotéticos, de acordo com evidências de validade de critério para o Checklist de Relações Interpessoais – Revisado.

Os resultados obtidos mostram que foram alcançadas correlações com a utilização de medidas obtidas entre a autodescrição no teste e as características atribuídas pelo entrevistado cego. Obtiveram-se correlações significativas nas escalas de Inibição e Submissão, e correlações marginalmente significativas nas escalas de Desconfiança e Calor Afetivo. As outras correlações se aproximam dos padrões, podendo servir para confirmação e comprovação das medidas significativas.

Com isso espera-se que este estudo colabore positivamente para a pesquisa na área de Psicometria, bem como, que sejam realizados outros estudos acerca do Cloit-R, utilizando de métodos e critérios diferentes de estimação de evidências de validade, principalmente da validade de critério, qualificando-o para sua utilização na população brasileira.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, M. N., & Dias, R. R. (2007). Fidedignidade do Inventário de Percepção de Suporte Fatorial - IPSF. *Avaliação Psicológica*, 6, 33-37.

COUTO, G.; PRIMI, R; CAMPOS, H. R. *Psicometria Clássica: Aspectos Gerais da Teoria dos Testes Psicológicos*. Revista FACED, n. 3, p. 171-191, 2005.

COUTO, G., MUNIZ, M., VANDENBERGUE, L. & VAN HATTUM, A. . Diferenças relacionadas ao sexo observadas no Checklist de Relações Interpessoais – Revisado. Revista Avaliação Psicológica, 7(3), 347 – 357, 2008.

MARTINS, Andrade de Gilberto. Sobre Confiabilidade e Validade. RBGN, São Paulo, Vol. 8, n.20, p.1-12, Jan./Abr. 2006.

MUNIZ, M (et.al.) Evidência de validade de critério para o Teste de Criação de Metáforas. Universidade São Francisco Psic v.8 n.1 São Paulo jun. 2007

NORONHA, Ana Paula. Estudos de validade e de precisão em testes de inteligência . Universidade São Francisco Paidéia, 2003, 13(26), 163-169

PASQUALI, Luiz. Validade dos Testes Psicológicos: Será Possível Reencontrar o Caminho? Universidade de Brasília, 2007, Vol. 23 n. especial, pp. 099-107

RODRIGUES, Catia Marisa Pereira. Validação do teste TSAI-Y de Spielberger: Avaliação da ansiedade face aos testes.- 2009.

SILVA, Valdeci Gonçalves. Os Testes Psicológicos e as suas Práticas sobre Psicologia. Portal dos psicólogos, 2008.

URBINA, Susana. Fundamentos da Testagem Psicológica. Porto Alegre: Artmed, 2008.